

DA VINCI X

um salto para a medicina
em Mato Grosso



Paloma Fernandes

Mato-grossense de Tabaporã
ganha Miss Brasil Infantil

GOVERNANÇA, EMPRESAS & NEGÓCIOS



Mato Grosso **SA**

EDIÇÃO DIGITAL ONLINE

ANO XXVIII
ABRIL/2024
R\$ 8,90

EDIÇÃO
Nº 339



ONOFRE RIBEIRO

Testemunha ocular da História



DIREITO - UFMT

JOSÉ GABRIEL



MEDICINA

LUANNA

OS ALUNOS DAS ESCOLAS VÃO DIRETO PARA A UFMT



PODE ACREDITAR NA
EDUCAÇÃO PÚBLICA
DE MATO GROSSO



ENGENHARIA ELÉTRICA - UFMT

GABRIELLY MACHADO

A - UFMT

VITÓRIA

AS ESTADUAIS ESTÃO UNIVERSIDADE PÚBLICA



Governo de
**Mato
Grosso**

Seis décadas de dedicação ao jornalismo

É com grande satisfação que trazemos nesta edição da RDM Mato Grosso S/A uma matéria especial que exalta a trajetória profissional e a vida do renomado jornalista Onofre Ribeiro, que completou recentemente 80 anos de idade e quase seis décadas de dedicação ao jornalismo. Onofre Ribeiro é mais do que um jornalista; ele é um ícone da comunicação em Mato Grosso, sendo reverenciado por muitos como um mestre. Seu legado vai além das páginas dos jornais e livros que escreveu, estendendo-se às salas de reuniões de grandes empresários, políticos e governadores, onde suas palavras são valorizadas como conselhos sábios.

Além da trajetória de Onofre Ribeiro, esta edição também destaca as inovações tecnológicas na área da saúde, com foco especial no robô Da Vinci X, adquirido pelo Hospital Santa Rosa, pioneiro em Mato Grosso, que está avançando em termos de cirurgias humanas.

Esperamos que apreciem a leitura.

Atenciosamente,



Vanessa Moreno

Editora da RDM Mato Grosso S/A

ÍNDICE | Abril 2024



10 | CAPA - ENTREVISTA

ONOFRE RIBEIRO

A testemunha ocular da História

06 | Homenagem

08 | Bastidores da República | João Pedro Marques

10 | Entrevista | Onofre Ribeiro

20 | Da Vinci X

24 | Miss Brasil Infantil

26 | Todos pelo Araguaia

28 | World Travel Market

29 | Natureza na Veia

CEO

João Pedro Marques

DIRETOR DE REDAÇÃO

João Oroszimbo Negrão

EDITORA ASSISTENTE

Vanessa Moreno

EDITOR DE ARTE

Marco Antonio Raimundo

REDAÇÃO

Repórteres: Everaldo Galdino, Jean Gusmão, Vanessa Alves

Estagiárias: Emanuelly Santos e Juliana Sanders

REVISÃO

Doralice Jacomazi

GERENTE EXECUTIVA

Shelry Pereira

CONSELHO EDITORIAL

João Pedro Marques (coordenador), João Negrão (presidente), Shelry Pereira, Vanessa Moreno, Márcio Brandão do Carmo.

NESTA EDIÇÃO:

TEXTOS

Jean Gusmão, Everaldo Galdino, João Negrão, Ângela Jordão, Débora Siqueira, Nayara Takahara, Ademir Galitzki e Assessorias

FOTOGRAFIA

Tchélo Figueiredo, Mayke Toscano, José Medeiros, Ricardo Stuckerte Assessorias

RDM MATO GROSSO S/A NÃO SE RESPONSABILIZA POR MATÉRIAS E ARTIGOS ASSINADOS, QUE NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE A OPINIÃO DA REVISTA. AS MATÉRIAS ESPECIAIS PUBLICADAS NA RDM SÃO DE COLABORAÇÃO DE SEUS AUTORES E CEDIDAS ESPONTANEAMENTE, SEM FINS LUCRATIVOS.

REDAÇÃO:

(65) 3623-1170 / 3622-2310
redação@revistardm.com.br

COMERCIAL/MÍDIA:

ARTUR DIAS DA FONSECA NETO
(65) 3623-1170 - (65) 99682-1470
midia@revistardm.com.br
comercial@revistardm.com.br

ADMINISTRATIVO CENTRAL
(65) 3623-1170

DISTRIBUIÇÃO/CIRCULAÇÃO
ADEMIR KUHNEN GALITZKI

A REVISTA RDM MATO GROSSO S/A
É UMA PUBLICAÇÃO



Canal 30.1 | 89,5 fm | al.mt.gov.br | FaceALMT | assembleiamt

DMB

SALVAR SUA VIDA NÃO DEVE SER UMA QUESTÃO DE TEMPO



O ciclo da violência contra a mulher pode incluir
agressões físicas, psicológicas, morais, patrimoniais e sexuais.
E todas elas podem levar ao feminicídio.

Não deixe para outra hora. O tempo de mudar essa situação é agora.
Sua denúncia pode ajudar a quebrar de vez o ciclo e salvar sua vida.

DENUNCIE **190**



ALMT
Assembleia Legislativa



PODER JUDICIÁRIO
DO ESTADO DE MATO GROSSO



CEO do Grupo RDM é homenageado pelo Sinapro

O publicitário, jornalista e advogado João Pedro Marques é um dos pioneiros da publicidade em Mato Grosso

Jean Gusmão



O advogado, jornalista, publicitário e atual CEO/fundador do Grupo RDM Rede de Mídias, João Pedro Marques (JPM), foi reconhecido em homenagem realizada pelo SINAPRO-MT (Sindicato das Agências de Propaganda de Mato Grosso) e pela FENAPRO (Federação Nacional das Agências de Propaganda), por ter sido o fundador da JPM PUBLICIDADE, a primeira agência de propaganda da história de Mato Grosso, na década de 70. No evento, também foram homenageados os outros dois fundadores da 2ª e da 3ª agência de publicidade: Mauro Cid Nunes da Cunha, fundador da segunda agência, inicialmente chamada MAURO

CID PROPAGANDA e posteriormente alterada a razão social para MCA PROPAGANDA, e Geraldo Luís Gonçalves Filho, fundador da terceira agência de publicidade em Mato Grosso, a Z8 PUBLICIDADE. O evento foi organizado pelo publicitário e marketeiro Cláudio Cordeiro, proprietário da GONÇALVES CORDEIRO PUBLICIDADE e atual presidente do SINAPRO-MT.

Os demais diretores e colaboradores do Grupo RDM - Rede de Mídias - parabenizam especialmente o fundador da primeira agência de Publicidade de Mato Grosso na década de 70, que também fundou o Grupo RDM e atualmente exerce a função de CEO, o Dr. João Pedro Marques. Também rendemos nossas homenagens aos demais homenageados na oportunidade - Mauro CID e Geraldo Gonçalves - e ao presidente do SINAPRO MT, Cláudio Cordeiro, pela oportuna, merecida, justa e louvável iniciativa do "Resgate Histórico da Propaganda em Mato Grosso!" ●

“Fico muito feliz pela homenagem, agora como CEO do grupo RDM, que já está 'botando o pé' Brasil afora. Eu não poderia me sentir melhor. Há tanto tempo, a gente foi o precursor em Mato Grosso, a primeira agência na década de 1970

Hidrelétricas perdem os holofotes para eólica e solar

As usinas hidrelétricas continuam a ser a principal fonte de energia na matriz energética brasileira, porém, em períodos de menor demanda - ou maior oferta - elas têm visto uma "subutilização" de energia. Isto porque os custos das fontes eólica e solar reduziram consideravelmente tornando-as as principais opções de investimento no mercado atualmente. Em termos numéricos, atualmente 53% da capacidade instalada de energia do Brasil é proveniente de hidrelétricas, mas essa parcela deve cair para 42% em sete anos. Por outro lado, a participação da energia eólica e solar é de 11,5% e 11,8% respectivamente, mas espera-se que em 2031 esses números sejam de 11% e 18%.



Divulgação

Desperdício na produção das hidrelétricas brasileira

Em fevereiro do ano passado, aproximadamente 16 gigawatts (cerca de 21% da demanda) não foram produzidos pelas hidrelétricas brasileiras. Esse desperdício ocorre porque, em momentos de baixa demanda, as hidrelétricas reduzem sua produção de energia devido à maior facilidade técnica e ao menor custo das energias eólica e solar. Esse processo, conhecido como vertimento, implica na liberação de água que poderia ser utilizada para a geração de energia. No entanto, apesar desse desperdício, as hidrelétricas ainda desempenham um papel crucial ao oferecer flexibilidade ao sistema.



Divulgação

Governo vai fazer pente-fino no INSS para poupar bilhões

O governo vai fazer um verdadeiro pente-fino entre todas as pessoas que recebem aposentadorias ou outros benefícios do INSS. A ideia é que, depois da fiscalização das fraudes, R\$ 10 bilhões deixem de ser gastos com o pagamento de valores que não deveriam estar sendo pagos. Por exemplo: bandidos criam CPFs de idosos para ganhar milhões com aposentadorias falsas, famílias recebem valores de entes que morreram e pessoas estão cadastradas em mais de um benefício. Além disso, o INSS também é responsável pelo pagamento dos auxílios-doenças, que muitas vezes são pagos com base em atestados falsos.



Divulgação



Europa aumenta número de brasileiros com cidadania

A Europa nunca concedeu tantas cidadanias para nascidos no Brasil quanto agora, e o número vem crescendo ano a ano. Em 2022, quase 26 mil brasileiros viraram cidadãos europeus – um aumento de 26% na comparação ano a ano. Entre todos os países, o Brasil ficou em 7º no ranking com mais cidadanias. A Europa bateu recorde no número de identidades concedidas a estrangeiros. Foram quase 1 milhão de cidadanias entre os 27 países da UE.



Divulgação

Biodiesel gera controvérsia entre agronegócio e setor energético

O aumento da mistura de biodiesel no óleo diesel no Brasil gera impasse entre o agronegócio e o setor de energia. O projeto de lei "Combustível do Futuro" na Câmara propõe aumentar gradualmente a mistura para 20% até 2030, apoiado pelo agronegócio, mas enfrentando resistência do setor energético. A negociação continua.



Divulgação

DITO & FEITO



"O Brasil vive um bom momento econômico. Depois de um ano do governo do presidente Lula, o risco Brasil, que era 254, caiu para 128. O dólar, que era R\$5,40, caiu para R\$ 4,90. O desemprego caiu, a inflação caiu, subiu o PIB, subiu a Bolsa e subiu a renda das famílias brasileiras".

Do vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, **Geraldo Alckmin**

Divulgação

"É preciso de uma vez por todas compreender que a Petrobrás é uma corporação de capital misto controlada pelo Estado Brasileiro, e que este controle é exercido legitimamente pela maioria do seu Conselho de Administração. Isso não pode ser apontado como intervenção!"

Do presidente da Petrobras, **Jean Paul Prates**



Divulgação

A história de um mestre do jornalismo

Ao comemorar seus 80 anos de vida e quase 60 de profissão, o decano do jornalismo mato-grossense foi uma testemunha ocular da História

Por **Ângela Jordão** e **João Negrão**

Em seu escritório, Onofre Ribeiro reflete o que fazer com todo o acervo ali presente. São centenas de livros, revistas, documentos, LPs e fotos que retratam 60 anos dedicados ao jornalismo, mas, acima de tudo, que ilustram 80 anos de uma vida exemplar, comumente chamada de “bem vivida”, de compromisso com o trabalho, a verdade, a história e, sobretudo, a paixão e dedicação à família e também a Mato Grosso.

Onofre Ribeiro é um dos maiores nomes da comunicação em Mato Grosso, chamado por muitos de mestre. Conselheiro de grandes empresários, políticos e governadores, tem uma vitalidade e saúde invejáveis e não para de trabalhar. Apresenta programa de TV, podcast, dá consultorias, palestras. Tem 16 mil artigos escritos e publicados em diferentes jornais e sites. Também é autor de dois livros que contam a histó-

ria mato-grossense: “Dois Mato Grossos”, que mostra a divisão do estado em fotografias, e “Cuiabá – Uma janela para a história”.

Mineiro de Campos Altos - perto de Araxá, ele gosta de destacar - o jovem Onofre chegou ao estado em 1976, a convite do então governador Garcia Neto. O então “Mato-grossão” estava para ser dividido em dois, o governador precisava de um trabalho de comunicação que elevasse a moral dos moradores de Cuiabá e do que se tornaria o Mato Grosso atual, e mostrando que o “Norte” não dependia do “Sul” para se desenvolver e ser grande. Desde então, Onofre se tornou uma testemunha ocular da história do estado e do Brasil.

Homem de permanências, é casado há 56 anos com a goiana Carmem, uma mulher suave, “mas, que sabe ser firme quando necessário”. Conheceram-se há 60 anos em Brasília, pertenciam ao mesmo grupo de jovens que aproveita-

Onofre com a esposa, Carmem, “uma mulher suave, mas que sabe ser firme quando necessário”

vam as novidades da recém-criada capital do Brasil. O casal tem quatro filhos, André, Fábio, Marcelo e Tiago, seis netos e três bisnetos. “Minha família tem só três meninas, sendo uma neta e duas bisnetas”.

O escritório, onde ele reflete sobre a vida e a existência, fica no segundo andar da casa onde vive há 47 anos, e para onde se mudou poucos meses depois de chegar a Cuiabá. Localizada em um tradicional bairro, a região era cercada de chácaras e muito mato ao redor quando o casal se mudou. Hoje, a região é dominada por empresas e comércio. O casal pensa em se mudar para um apartamento, mas aí vem a



Fotos: Divulgação

“Nasci em uma cidadezinha cafeeira, Campos Altos, perto de Araxá. Meu pai tinha fazenda de café e eu cresci ali, cresci na terra, por isso eu gosto muito de terra. De Minas, fui fazer o ensino médio em Brasília, que estava no comecinho”

preocupação com Chiquinha, uma Yorkshire de quatro anos herdada de uma neta e que se tornou o xodó do casal.

A reflexão sobre o destino de seu acervo pessoal vem no advento de seus 80 anos, completados em 4 de março de 2024. Ele já se desfez de praticamente todos os 600 LPs que colecionava. Havia também 400 cds, de MPB, sertanejo antigo e clássico, que já se foram. Também já combinou com um amigo de doar os livros, mas sempre esquece de marcar efetivamente a doação.

“É uma data que nos deixa ainda mais reflexivo. Pensando sobre toda a vida. Sobre o que fizemos, sobre o que

acumulamos ao longo dela. O que fazer com todo esse acervo? Meus filhos não vão querer. Tenho pensado muito sobre essencialismo. É mais do que minimalismo, essencialismo é viver com o que é necessário, nem mais, nem menos. Roupas, sapatos, moradia, dinheiro, tudo. Para que mais que o necessário?”. Conversar com Onofre Ribeiro é mesmo assim, seja em um encontro de apenas cinco minutos, ele sempre tem uma palavra de reflexão, que faz o ouvinte sair do comodismo existencial. Alguns o chamam de visionário, mas ele também pode ser chamado de filósofo.

Nesta conversa com os jornalistas Angela Jordão e João Negrão, do Grupo



Rede de Mídias (RDM), Onofre Ribeiro fala sobre sua infância, a juventude em Brasília, o encanto pela UNB (Universidade de Brasília), a paixão por Mato Grosso, a dedicação à comunicação, os muitos projetos desenvolvidos, o amor à família. Também fala abertamente sobre a maior dor da vida, a perda do filho Marcelo, morto há 20 anos, e sobre como foi seguir em frente.

Eu nasci em uma cidadezinha cafeeira, Campos Altos, que fica perto de Araxá. Tudo em Minas é perto sempre. Meu pai tinha fazenda de café e eu cresci ali, cresci na terra, por isso eu gosto muito de terra. De Minas, fui fazer o ensino médio em Brasília, que estava no comecinho. Eu cheguei no dia da posse de Jânio Quadro na Presidência, saída de Juscelino Kubitschek. E vim para Mato Grosso, 16 anos depois, no dia do sepultamento do Juscelino Kubitschek. Tem aí uma ligação, Deus sabe como.

Então, fui estudar na UNB (Universidade de Brasília), essa universidade humanista, que tinha um olhar para o futuro na seguinte expectativa, tirar o Brasil do litoral, com aquela visão colonialista da Europa e jogar no Centro-Oeste. Abrir o Centro-Oeste e criar uma

“Eu cheguei em Brasília no dia da posse de Jânio Quadros na Presidência, saída de Juscelino Kubitschek. E vim para Mato Grosso, 16 anos depois, no dia do sepultamento do Juscelino Kubitschek. Tem aí uma ligação, Deus sabe como”

nova civilização brasileira aqui, que, com o tempo, iria se ampliando até o litoral. Isso é real, porque o Centro-Oeste tornou-se a referência do Brasil. Daí vem a divisão de Mato Grosso. O Governo do Estado estava recrutando jornalistas, mas ninguém queria, porque o pensamento era de que aqui tinha onça na rua, jacaré, era assim o pensamento na época. Eu vim conhecer o estado a convite do governo na época, o

governo do Dr. Garcia Neto, me apaixonei instantaneamente.

João Negrão: Como era a imprensa em Mato Grosso na época. Nós já tínhamos alguns veículos, como a TV Centro América, o jornal O Estado de Mato Grosso, por exemplo.

Onofre Ribeiro: Nós tínhamos em Cuiabá quatro jornais. O mais antigo, o Estado de Mato Grosso, que é da década de 1940. Tínhamos o Diário de Cuiabá, que era um jornal bastante antigo também e era o mais vibrante. Tinha o Jornal Equipe, que era um jornal um pouquinho mais moderno, e depois surgiu o Diário de Mato Grosso. E tinha uns jornaizinhos. Fui trabalhar no governo, a comunicação do governo era muito primária. Cheguei e fui me envolvendo, tinha um pouco mais de experiência, formação, e acabamos criando um estilo de comunicação mais objetivo. Aí vem a divisão do Estado, e eu acabei me envolvendo muito na parte política do governo, porque o chefe da Casa Civil não era muito da boa política.

Ângela Jordão: Você ficou fazendo essa parte política.

Onofre Ribeiro: E menino aceita



“Eu olho, vejo nas redações os mesmos idealistas, com outras inquietações, com outros desafios”

fazer qualquer coisa. Não tem medo de desafio. Hoje, eu correria disso. Naquele tempo, como hoje, a política passa pela comunicação. E era a política dos futuros dois estados (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), dois adversários ferrenhos. Eu fiquei nesse meio, sobrevivendo.

João Negrão: Como você sai do governo na época e vai ser empresário da comunicação?

Onofre Ribeiro: Fui secretário de Comunicação do Governo Garcia Neto até a divisão, na divisão eu saí. Quando separou o estado, começou o primeiro governo de Mato Grosso, como Frederico Campos. Aí, fui trabalhar com a revista Contato. A revista Contato, falando hoje parece apenas nome, mas não foi. Mato Grosso saiu da divisão com a autoestima lá na sola do sapato. Falava-se que tudo ia acabar, porque nós dependíamos do Sul, mas isso não era verdade. O Sul é que dependia de nós. Mas o estado ficou bem baixo-astral.

Então, decidimos fazer uma revista para dar cara para Mato Grosso, para mostrar o que é e que futuro teria o estado. E essa era a ideia, mostrar o que Mato Grosso tem. Eu rodei esse Mato Grosso de avião, de carro, de barco, escrevendo para a revista. Rodei Mato Grosso inteiro, não tinha nada, só fé mesmo. Essa fé em Mato Grosso era muito forte. E a revista tinha essa corpulência. A revista gerou duas rádios e durou cento e poucos exemplares mensais. Foi muito importante e forte a revista. Ela gerou a Rádio Vila Real AM

em janeiro de 1982. E em maio de 1985, a Rádio FM 99, que hoje se chama Rádio Gazeta, e a Vila Real se chama Vila Real mesmo. A partir daí criamos um grupo de comunicação, fomos para quebrar, me permite uma falta de modéstia, a gente mudou a forma de fazer rádio, revista e jornal em Mato Grosso.

Ângela Jordão: Na verdade, não é que mudaram, vocês criaram um, não é mesmo?

Onofre Ribeiro: Criamos. Tinha essa mentalidade. Falei, gente, o futuro vem aí, ele é inevitável e ele vai ser bom. E as pessoas nos ouviram.

João Negrão: Fez escola?

Onofre Ribeiro: Eu tenho essa impressão de que sim. Um dia fui entrevistar o governador Garcia Neto para a revista RDM, anos depois, já no final da década de 2000. Ele me disse assim: “Olha, eu quero te falar uma coisa que nunca falei. Você mudou a forma de jornalismo em Mato Grosso”. A gente não tem consciência das coisas que faz. A gente não se enxerga como é.



Ângela Jordão: E no início da década de 80, chegou muito jornalista para aqui.

Onofre Ribeiro: A Vila Real e a Contato trouxeram profissionais de excelente qualidade, de Minas, do Rio Grande do Sul e de Goiás. Uma geração nova, recém-formada, que trabalhou na Rádio Vila Real ou na revista Contato, formada até o final da década de 1990. Era uma escola visionária, escola não politizada, nunca foi ideológica. Veio um pessoal de Minas, Eduardo Ricci, Tinho Costa Marques, Pitolé, Rita Comini, passaram pela escola chamada Rádio Vila Real. Pedro Pinto veio do Rio de Janeiro, também para a Vila Real, primeiro emprego dele. Dielcio Moreira também foi para a Vila Real de Comunicação. Profissionais que depois foram assumindo lideranças.

João Negrão: Vamos falar sobre o



“Eu cresci em uma fazenda de café que meu pai tinha, cresci na terra, por isso eu gosto muito de terra”



Sistema 2000 de Rádio.

Onofre Ribeiro: Cuiabá só tinha um satélite que cobria Mato Grosso. Permitia uma comunicação precária através de uma empresa chamada Embratel, uma empresa pública. E o interior do estado praticamente isolado da capital. Em todo o estado havia apenas 28 rádios. Eu peguei uma caminhonete com meu filho André, rodei município por município, com asfalto e sem asfalto. Isso foi em 1992. Nós rodamos Mato Grosso inteirinho por dois meses. E fizemos com as rádios um tipo de convênio. Montamos uma produtora em Cuiabá, chefiada pelo Jurandir Antônio, que é homem de rádio, com uma visão muito boa e também conhecia bem Mato Grosso. Nós fundamos uma emissora de rádio, que na realidade era um estúdio apenas, por ele nós fazíamos uma ligação com as rádios do interior via Embratel. Transmitíamos um jornal de uma hora, um jornal de altíssima qualidade, com um olhar voltado para o interior. Eram dois horários, um era mais tarde e o outro mandávamos mais cedo. Era gravado. Nós conseguimos conectar todo o Mato Grosso assim, manter o estado e a população informados. Daí, o governo estadual da época começou a achar que nós estávamos tendo muita força, que estava fora do controle, e foi para cima da empresa com a estrutura de governo.

João Negrão: Na época era o governador Jayme Campos, certo?

Onofre Ribeiro: O governo via o Sistema 2000 como uma pedra no sapato.

“Fui estudar na Universidade de Brasília, essa universidade humanista, que tinha um olhar para o futuro na seguinte expectativa, tirar o Brasil do litoral, com aquela visão colonialista da Europa e jogar no Centro-Oeste”

to. A estrutura de governo foi para cima da empresa. Durou quatro anos o Sistema, e a ignorância do governo decidiu perseguir a gente. Não foi financeiramente, perseguiu pressionando a Embratel para cortar o sinal. Do nada, eramos informados que “hoje não vai ter transmissão porque não tem sinal”. E a gente sabia que a Embratel estava sob pressão do governo. Então, chegou uma hora que era burrice lutar. O Sistema fechou. Hoje, com celular é feita uma transmissão quase que imediatamente, mas na época era muito difícil de fazer isso.

Ângela Jordão: Você disse que, no período em que chegou a Mato Grosso, era muito jovem e não tinha em quem se inspirar, quem se espelhar para

trabalhar. Como você resolveu essa questão?

Onofre Ribeiro: Como eu me inspirei, primeiro, o mineiro é um povo visionário. Dizia Carlos Drummond de Andrade, grande poeta, que Minas é outro país. Então a gente sai de lá com uma coisa de inquietação. Eu li muito a vida inteira, mas li muito mesmo desde muito pequeno. Então, eu trazia um calor aqui dentro. Não foi direcionado. Quem me direcionou? Conforme as demandas, as necessidades, ou vai lá, ou vai. E eu lidava com pessoas. Sempre teve e tem muita gente boa no nosso convívio. Elas vão modelando a gente. Você conversa com um cara de valor, um cara simples ou não, e ele te diz coisas que te abrem. Tem que estar aberto. Aí você vai se levando e vai levando gente com você para as suas convicções. E no final dos tempos, eu sou eu com outras roupas, essas inspirações vinham dessas roupas que eu trocava. Por vivência e por formação. Eu tinha uma formação intelectual, me desculpa a modéstia, muito sólida.

Ângela Jordão: Hoje, o fazer jornalismo é muito diferente de quando você começou quase 60 anos atrás. Você passou por todos os tipos de veículos de comunicação. Atualmente, faz uma das



Um avô e bisavô amoroso: cuidado e responsabilidade com suas gerações

mais modernas formas de comunicação, que é o podcast, faz Tv. Qual é a sua visão hoje da comunicação?

Onofre Ribeiro: Eu olho, vejo nas redações os mesmos idealistas, com outras inquietações, com outros desafios. Por exemplo, uma viagem para Alta Floresta por estrada, sem asfalto, durava três dias de viagem dormindo no caminho. Isso não existe mais. Primeiro, nem precisa mais ir para Alta Floresta. Você faz um vídeo aqui e manda, ou faz uma entrevista online. Mas o problema essencial, que é o da existência humana, continua. É o buraco, é a estrada, é o desenvolvimento, é o banco, é o financiamento, é a tecnologia, é a violência, é a saúde, é a educação. Isso continua existindo com roupagem nova. Então tudo hoje tem roupagem nova, mas a essência é basicamente a mesma. Então, aí eu fui caminhando essa estrada. Nunca resisti ao futuro. Como hoje, eu não resisto ao futuro. Puxa vida, se eu nasci, cheguei lá. Minas, com a enxada na mão, na lavoura de café do meu pai, que era familiar, eu cheguei hoje a um iPhone de 16 mil reais, um automóvel de câmbio automático, direção hidráulica, para quem andava de carro de boi. Meu Deus, eu vivi isso. Eu quero saber o que está à frente, ou melhor, eu não resisti ao futuro, eu acho que o futuro é ótimo. Eu

baseio isso em uma frase de pai, de um homem simples, que fazia a filosofia do modo dele. Uma vez ele me disse assim: “O bom mesmo, meu filho, é ter saudade do futuro”. Você não pode ignorar o passado, aquele que nos trouxe até aqui. Você pode, de alguma forma, ignorar, mas não ser omissor. É maior do que não ignorar o presente, porque os dois conduzem para o futuro. Por isso eu nunca resisti, eu sou um homem de futuro.

João Negrão: Você tem esse olhar aí de testemunha ocular da história. Além do governo Garcia Neto, você viveu intensamente, outros governos de Mato Grosso, como governo de Carlos Bezerra, Dante de Oliveira, Blairo Maggi. Por exemplo, no governo Bezerra, você estava lá com a revista Contato e as rádios. O que você testemunhou daquela época, os bastidores. Você não tem algo preso com ninguém, então pode contar sem filtro.

Onofre Ribeiro: Não tenho filtro. Se você respeita a história, como eu respeito, tenho formação nessa área. Se você bota filtro na história, você não contou a história. Aí a história não existe se colo-

car um filtrozinho aqui, fazer um photoshop ali. A história não tolera photoshop. Ou seja, ou você faz história ou não faz história. Eu cheguei no Garcia com a divisão do Estado, e ele era antidivisionista. O Dr. Garcia Neto sofreu demais, eu estava junto, sofri junto a reação contra a divisão. Cuiabá tinha uma ala política divisionista e outra ala não divisionista. A parte ligada a Cuiabá era não divisionista e a parte ligada a Campo Grande era divisionista. A família do Jayme e Júlio Campos, por exemplo, era divisionista. O reitor da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) era divisionista. O Dr. Garcia Neto sofreu muito, afetou até a vida pessoal.

Mas política é política. Daí, veio o governador Frederico Campos, que era um grande gerente. Ele não veio para governar, ele veio para gerenciar o estado. Decente, mas não visionário. Depois veio o Júlio Campos, absolutamente



visionário. Pegou uma estrutura muito boa e fez o que tinha que fazer, ao modo dele. Extremamente ousado. Ele pegou um momento muito bom, que o governo federal, o governo do presidente João Batista Figueiredo, estava muito mal, já estava em declínio do regime militar, que termina com Figueiredo em 1985. Na ansiedade de salvar o governo, o presidente Figueiredo decidiu colocar no Senado, a casa mais qualificada no Congresso, grandes nomes da economia, para segurar o governo, porque o problema do governo federal era a economia e não a política. Então, resolveu colocar alguém de peso no Senado para ter força, porque os militares não queriam entregar o governo, eles queriam continuar no poder. Decidiram pegar o Roberto Campos, que era embaixador em Londres, tinha sido lá atrás o ministro do Planejamento, um nome muito respeitado no mundo todo. Como ele tinha nascido em Nossa Senhora do Livramento, decidiram fazer dele senador por Mato Grosso. Tiraram ele da embaixada em Londres, e o botaram aqui em uma campanha bem-feita. De Londres para os ríspidos de Alta Floresta. Ele foi embaixador em Londres, nos Estados Unidos, então era um homem

“Abrir o Centro-Oeste e criar uma nova civilização brasileira aqui, que, com o tempo, iria se ampliando até o litoral. Isso é real, porque o Centro-Oeste tornou-se a referência do Brasil”

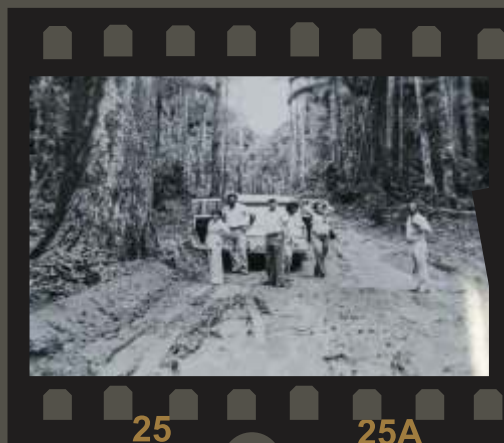
do mundo. Roberto Campos veio para Mato Grosso e deu ao Júlio uma consistência econômica. Mas depois o Roberto Campos brigou com Júlio, porque o Júlio não deu mérito para ele. Concorência, né? O Roberto foi eleito senador por Mato Grosso em 1982.

Veio, então, o governo Carlos Bezerra, chegou ao poder, ele era um grande opositor ao regime militar no Brasil. Cheio de teoria revolucionária, mudanças sociais, mudanças no perfil econômico, mas não tinha quadro, e não tinha

planejamento nenhum, era só mesmo romantismo. Romantismo com a esquerda, com atos, com comícios.

João Negrão: Eu vivi esse período, no governo Bezerra, eu percebi um desleixo, uma irresponsabilidade. Você sentiu isso também?

Onofre Ribeiro: Eu fui falar com o Bezerra, no Palácio, nunca me esqueço disso. As cortinas do gabinete do governador todas sujas, manchadas de goteiras de chuvas e caídas. As poltronas com o couro todo rachado. Parecia um casarão abandonado do Pantanal, nas velhas fazendas que não existem mais. O Bezerra foi um governo confuso, desmanchou tudo, não mexeu em nada, e também não fez política, foi assim uma passagem da história. Não deixou memória, nem boa, nem ruim, não existiu. O slogan do governo era o seguinte: “O passado não dá mais”. Tá bom, se o passado não vale mais, mas eu tenho que ter propósito de futuro. Se o passado não dá mais, tenho que ter passagem para o futuro, então não existo. Daí veio Jayme Campos, um governo que foi fazendo arroz com feijão de manhã, de tarde fazia feijão com arroz. No domingo, dizia, vou inovar, vou



Onofre acompanhou como testemunha ocular da História todo o processo da divisão de Mato Grosso

fazer arroz com feijão e farinha. Então também foi um governo que não existiu. Os governos mais fracos da história de Mato Grosso foram Bezerra e Jayme.

Então veio o Dante, também totalmente à esquerda, fez um plano de governo pequeno, mas muito bem planejado, com um grupo jovem que estava com ele desde a juventude em Cuiabá. Prometendo mudanças. Só que ele encontrou o governo nas seguintes condições, para cada um real de imposto arrecadado, o estado tinha que pagar três. Ele levou um choque, teve que se afastar do governo urgentemente, porque ele iria morrer com depressão, pela situação do governo que ele encontrou. O governo de Jayme Campos tinha deixado um monte de armadilhas, como aumento de salários. Jayme pensou “vou voltar depois, vou sacanear com esse que vai chegar, e depois volto como salvador”.

João Negrão: Eu me lembro dessa época que Jayme fez uma reforma administrativa no estado, com redução de empresas, e teve resultado nisso?

Onofre Ribeiro: Não, nenhuma. Na prática nenhuma. Era mesmo para comandar. Jayme tinha um secretário digno de respeito, que era o Antônio D’Luca, do Planejamento. Fez o que podia, mas sob a orientação do governador que queria beneficiar os políticos, então não fazia nada. Foi quando chegou o Dante como governador, nessa condição toda, de mudanças. O Dante foi beneficiado pela mudança para o Plano Real e por sua percepção. Em

1994, começou o Plano Real, e Mato Grosso arrebitado em dívidas, todas as dívidas anteriores à divisão do estado estavam no colo de Mato Grosso. A empresa de energia era estatal, mas estava muito mal. Daí o Dante, que era filiado ao PDT do Leonel Brizola, que era esquerda antiga e dura, foi ao gabinete do presidente da República pedir socorro. O Fernando Henrique Cardoso, na época, disse “vem para o PSDB que te ajudo”, e o Dante foi para o PSDB. O Brizolaficou furioso, o xingou muito Dante, ficaram inimigos. Foi a melhor liderança que o país teve. O Fernando Henrique resolveu definitivamente o problema de energia no país. Fechou um monte de estatais deficitárias que tinha no país, municipalizou as empresas de saneamento. A Cemat foi privatizada. Demitiu mais de 12 mil funcionários, a maioria contratada pelo Jayme Campos sem concurso. O Dante teve que demitir. Negociou toda dívida antiga do estado, de governos anteriores. Isso tudo deu ao Dante condições de tocar o barco. Com o estado enxuto, menos custos, o estado deu um salto de credibilidade e dignidade. Depois foi para a reeleição, se reele-

geu com uma campanha chamada “Casa Arrumada”. Mas quando ele terminou o mandato, o estado já queria mais. Já tinha outras demandas, outro patamar. Aí aparece o Blairo Maggi, que chegou com uma proposta de gerenciamento, empresa do governo. Blairo iniciou o governo com outras perspectivas, como fazer estradas e casas. Afastou os grandes líderes da política, afastou o Roberto França, afastou o Jayme Campos, afastou o Júlio, afastou o José Riva e colocou um gigante chamado Pagot, que dava chute na canela de quem se aproximasse de Blairo.

Depois veio o Silval Barbosa, que era uma sequência do governo Maggi. Mas o fato é que o Silval não tinha preparo nenhum. Pegou uma máquina violenta, agronegócio, o país olhando pra cá. O Blairo deixou a história da Copa do Mundo. Enfim, o Silval se perdeu, fez muita obra em Cuiabá, mas se perdeu.



Depois teve Pedro Taques, que era grande, e pensamos “agora sim, agora vai. Ele é jovem, procurador, corajoso, não é corrupto, é cuiabano, agora vai”. O Pedro Taques não era desse ramo da política. A população achou que mudaria muito. Pedro Taques fez que fez, mas não fez. Passou na história também. Não passou tão ruim como Bezerra e Jayme, mas passou. Veio o Mauro Mendes, com uma visão mais gerencial, mais antiga, um futuro novo. É uma política de gestão no governo. Mas o fato é que, sempre que muda de liderança na política, há uma evolução. Hoje, por exemplo, governante tem que ser muito mais eficiente do que era nos anos anteriores.

João Negrão: Onofre, sobre sua vida pessoal, nós sabemos que você passou por um fato muito triste, que foi a perda do seu filho Marcelo. Gostaria que você falasse como essa perda tão dolorosa impactou na sua vida?

Onofre Ribeiro: Eu sou patriarca. Oque é patriarca? O cara que estende a asa e põe todo mundo debaixo. Eu sou patriarca. Assumi tudo. Estou casado há 56 anos com a Carmem. Tivemos quatro filhos. A Carmem é muito tranquila, equilibrada, aquariana. Tem muita autoridade, porém muito dócil no relacionamento, desde que não pise no calo. Então, a minha ciência de vida é andar com ela sem pisar. Já pisei, paguei caro. Porque ela não é do tipo que... Ela vai

“Rodei Mato Grosso inteiro, não tinha nada, só fé mesmo. Essa fé em Mato Grosso era muito forte. E a revista Contato tinha essa corpulência. A revista gerou duas rádios e durou cento e poucos exemplares mensais. Foi muito importante e forte a revista”

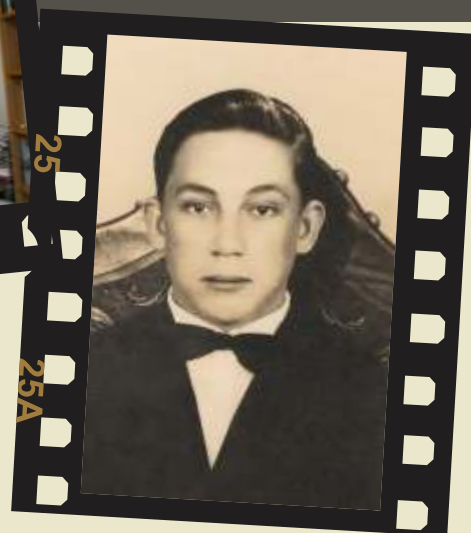
nos pontos certos, naagulhinha. Pelo fato de ser muito patriarca, eu passei isso para os filhos também. Nunca fui autoritário, nunca fui de espancamento. Quatro filhos, personalidades fortes todos eles. Difícil de lidar, porque cada um é diferente do outro, convivendo o tempo todo. Sempre fui muito de conversar com eles. Quando aprontavam alguma, uma briga, por exemplo, eu dizia “você não acha que poderia resolver isso de outro modo?”. Conversava uns 10 minutos, por exemplo, e eles saíam da minha frente sabendo que não era na porrada que resolvia os proble-

mas. Hoje, são bons caras, umas criaturas meigas, bons pais, bons maridos, Graças a Deus. Os netos estão seguindo o mesmo perfil. Os bisnetos: eu estou vendo o meu bisneto mais velho, o Mateus, me identifico tanto mesmo. Mateus está com 13. Eu estou na quarta geração me enxergando neles. Mas então, essa é a função do patriarca.

Aí vem a morte do Marcelo no ano de 2004. Ele morava em Salvador, sofreu acidente de moto e teve morte instantânea. Na noite que eu recebi a notícia, eu liguei para o João Pedro Marques (presidente do grupo RDM), porque a empresa tinha uma parceria com uma Agência de Viagens. Falei para o João: “Você me agenda cinco passagens para Salvador amanhã cedo que o meu filho morreu”. Ele disse “está bem”. O João também é pancada. Em 10 minutos, ele me ligou de volta e disse “falei com o Blairo Maggi”, que era o governador, “ele colocou um avião à disposição”. Eu era brigado com o Blairo na época. A gente não se falava. Éramos amigos, brigamos e estávamos naquela fase da inimizade. Ele colocou o avião à disposição, viajamos da meia-noite até as 7 da manhã de Cuiabá a Salvador. O meu filho, o Fabinho, que mora em Aracaju, já tinha chegado lá e providenciado aquela parte técnica de caixão, hospital, autópsia. Então, botamos o caixão em cima do avião e voltamos para Cuiabá.



Onofre e a neta Alice (dançando “Quiçás, quiçás”: o carinho de um avô sempre presente)



João Negrão: Ele era casado?

Onofre Ribeiro: Casado, tinha um filho de três anos. A Daniela, a mulher, ela tem umas coisas estupendas. A Daniela lembrou de levar edredom para jogar em cima do caixão. E veio o Luca, de três anos, brincando em cima do caixão do pai. Isso destrói, destrói, destrói. Isso me destruiu. Aí chegamos ao aeroporto, muitos amigos nos esperando, o que mostra a razão de você ter vivido. Nessa hora, os amigos estavam lá, muitos amigos. Foi um terremoto imenso na nossa vida. E aí vem a necessidade de entender a vida e a morte para poder sobreviver a esse terremoto. Eu já tinha uma leitura espiritualista há muitos anos, sempre me ligando à leitura espiritualista, desde Brasília, daí procuramos estudar mais sobre e nos aproximamos da doutrina espírita.

João Negrão: Porque o normal é os pais irem antes!

Onofre Ribeiro: Sim, quebrou a lógica. Um menino de 29 anos, no auge da vida, casamento novo, filho de três anos, empresário de sucesso. Daí vem a necessidade de compreender a vida e a morte, para poder sobreviver. Eu fiz todas as tentativas possíveis, até procurei uma psicóloga. Nos primeiros meses eu segurei a família. Segurei a Carmem, os meninos, segurei minha nora, meu neto. Quem sugeriu a psicóloga foi a Carmem. E, no início com essa psicóloga, aconteceu um fato, a conversa não evoluía. Ela, aparentemente, estava buscando coisas na minha vida que eu não enxergava. Um dia, do nada, ela

disse assim: “Vou te fazer uma pergunta e quero que responda assim na lata, não pensa. Que tipo de pai você foi?”. Eu disse: “Eu fui o pai possível”. Aí eu desabei. O Marcelo, entre os meninos, foi o mais rebelde. A gente quebrava um pau legal. Depois, eram dois chorões um no ombro do outro. Passou tudo isso. Às vezes bate um pouco de dor aqui dentro, de arrependimento, porque fui um pai muito duro, mas eu fui um pai possível. Veio o grito do inconsciente e deu tudo certo. Depois disso não voltei mais à psicóloga. Daí, comecei a pensar 'como vou mudar a minha vida para aprender a lidar com a morte do Marcelo?'. E foi onde veio uma nova necessidade, mais humanismo, mais compreensão das pessoas, perceber as afinidades das coisas, a compaixão. Eu saber me colocar no lugar do outro, que é o essencial. Trouxe uma mudança profunda na minha vida e da minha família. Os outros irmãos e a mãe, a Carmem, sofreram muito, mas atingiram essa compreensão. Eu tenho a impressão de que, se houver outra morte em casa, se for eu ou a Carmem por exemplo, não vai ter terremoto, será uma passagem natural.

Hoje, eu olho para o Marcelo, tenho um olhar com mais serenidade, eu entendi que ele cumpriu o tempo dele, que eu e minha família tivemos o privilégio de conviver com ele por 29 anos, o tempo dele era aquele. Resolvemos os conflitos e ficamos em paz.

João Negrão: Como está seu neto hoje, filho do Marcelo

Onofre Ribeiro: Está com 22 anos, fazendo Medicina em Aracaju. Uma criatura tranquila. Ele vem muito para Cuiabá. Muito próximo de todos. Sabe, naquilo de ser o patriarca, eu assumi cuidar dele na época, com a mãe dele. É muito legal a relação de todos os netos, tem muito respeito. São personalidades distintas, pessoas distintas. Nossa comunicação é pelo olhar, pela atitude, pelo exemplo, um afetivo bem maduro. “Aí que ser duro sem perder a ternura”. É como eu vivo.

Grupo Santa Rosa avança no atendimento com uso de robô em cirurgias

Com a aquisição do robô Da Vinci X, o hospital Santa Rosa avançou nos resultados e realizou 123 cirurgias a mais que o previsto

Everaldo Galdino

As novas ferramentas tecnológicas de trabalho estão cada vez mais tomando os espaços em ambientes hospitalares em países como os Estados Unidos, Canadá, Japão, Índia, Coréia do Sul, China e outros. Entre essas ferramentas, existe o uso de um novo equipamento moderno e adotado por médicos de várias especialidades para a prática de cirurgias em seres humanos: o robô Da Vinci X.

Da Vinci foi fabricado pela Intuitive Surgical, empresa americana que atualmente contabiliza 103 sistemas de cirurgia robótica em operação no Brasil, distribuídos por 92 hospitais credenciados. Em média, uma cirurgia com o robô reúne na sala cirúrgica seis profissionais de saúde, além do cirurgião responsável pela operação. Todos eles precisam passar por treinamento teórico e prático para fazerem parte do procedimento. O uso de robô para cirurgias médicas começou a ser feito no Brasil há 15 anos. Estimativas de mercado apontam para mais de 105 mil operações realizadas desde então em todo o país, considerando todas as especi-

alidades médicas.

Em Mato Grosso, o Hospital Santa Rosa foi o primeiro estabelecimento privado de saúde em inovar na aquisição desse tipo de equipamento no trabalho.

Para explicar como funciona o aparelho tecnológico ao procedimento médico voltado às cirurgias no local, o médico e diretor do Santa Rosa, Cervantes Caporossi, disse que foi um sonho.

“A inserção do robô no Hospital Santa Rosa contempla um sonho. Não só de quem trabalha aqui, mas de toda a sociedade cuiabana e mato-grossense, pois, antigamente, não comprávamos o robô, porque ninguém tinha a prática de operá-lo. Então, o Grupo Santa, que promoveu essa iniciativa, colocou uma estação de treinamento aos médicos do hospital com o uso de um simulador, e aí começamos a treiná-los às operações médicas”, disse o gestor hospitalar.

Segundo o diretor, as primeiras cirurgias com o robô foram acompanhadas por instrutores capacitados que deram orientações aos profissionais no hospital.

“Com o inspetor, mais um pouco

à distância, deixando que ele desenvolva, para depois de um longo caminho aí, são no mínimo 20 operações e algumas especialidades mais ou menos, ele pode fazer sozinho. Então, isso representa um avanço, uma grande opção de tratamento dos mais modernos na nossa cidade e, por que não dizer, no nosso estado”, completou.

Ao ser questionado sobre a segurança de fazer uma cirurgia com um robô, respondeu:

“O robô contempla uma evolução do que a gente chama de videocirurgia. A videocirurgia é uma operação onde você entra com uma câmera, e com os instrumentos dentro da cavidade abdominal. Essa câmera joga as imagens para uma tela de televisão e você opera. O robô é um aperfeiçoamento disso, já que tanto a câmera como os braços permitem movimentos e muito mais. A câmera é uma visibilidade muito maior, com isso você consegue identificar.”

Ainda, o diretor exemplificou uma forma de operar com o robô.

“Vou lhe dar um exemplo, um feixe de nervosismo fundamental para a manutenção de uma determi-



**O Robô Da Vinci X
revoluciona as cirurgias
médicas, oferecendo precisão
e tecnologia de ponta para
intervenções cirúrgicas mais
seguras e eficazes**

Vantagens da cirurgia robótica para o paciente:

- Diminuição da perda de sangue.
- Menor tempo de internação.
- Cicatrizes menores devido à não necessidade de incisões amplas.
- Redução da dor e da necessidade de medicação prolongada.
- Recuperação mais rápida e com menos complicações.
- Menor risco de infecção.
- Redução da necessidade de procedimentos adicionais.

Vantagens da cirurgia robótica para o médico:

- Proporciona melhor visualização.
- Permite movimentos mecânicos com maior grau de liberdade.
- Diminuição da fadiga ou tensão nas articulações devido ao design ergonômico do robô.



O médico e diretor do Santa Rosa, Cervantes Caporossi explica que a equipe médica do Hospital Santa Rosa em Mato Grosso realiza cirurgia utilizando o avançado sistema robótico, proporcionando aos pacientes uma recuperação mais rápida e menos invasiva

nada atividade, que às vezes você não consegue ver nem a olho nu e algumas vezes nem em nível da vídeo cirurgia simples. E pelos braços do robô, tudo comandado por um transporte, que é importante dizer, fica numa plataforma situada e com isso ele consegue fazer essas mobilizações de modo que as operações são realizadas num tempo

semelhante ou menor do que todos os outros métodos, mas com uma segurança muito maior”, afirmou.

De acordo com o diretor, o robô opera com menor agressividade e dá resultado em menor tempo de interação ao paciente e corre menor risco de ter alguma infecção.

Questionado sobre quantos profissionais estão capacitados para

esse tipo de procedimento, salientou:

“Quando o robô chegou aqui, já tínhamos dois ou três profissionais capacitados para isso. Mas esse robô entrou em Cuiabá, no sentido de operacionalização, no dia 18 de julho do ano passado. Nessa época, nós devíamos ter 2 ou 3 profissionais, mas hoje nós já temos mais de 10



O cirurgião controla o Robô Da Vinci X durante uma operação, aproveitando os benefícios da visão aprimorada e dos movimentos precisos para garantir os melhores resultados para os pacientes

“O robô contempla uma evolução do que a gente chama de videocirurgia. A videocirurgia é uma operação onde você entra com uma câmera, e com os instrumentos dentro da cavidade abdominal. Essa câmera joga as imagens para uma tela de televisão e você opera”

profissionais que podem operar praticamente sozinhos. Ainda, temos 60 profissionais que estão em fase de formação, mas em breve teremos 100 profissionais das diversas especialidades aptos para fazer a operação com esse robô.”

Uma das cirurgias mais aplicadas para esse tipo de procedimento é a urológica.

“É a cirurgia da próstata, principalmente a prostatectomia e os tumores renais. Diferentemente de um grande percentual de outros hospitais, temos uma extensão do número de cirurgias urológicas, em paralelo, numa faixa um pouquinho mais abaixo, além da cirurgia geral e da cirurgia ginecológica”, complementou.

Para ter esse tipo de serviço, o hospital investiu aproximadamente

um milhão de dólares.

“Olha, quando a gente fala em valor, parece que o valor é o valor do robô, mas não é. O robô hoje deve estar custando cerca de um milhão e meio de dólares, então ele tem um valor, mas para você colocar o robô na sala que ele está funcionando hoje, todo o entorno tem que ser preparado. Mas o que importa para a gente é que foi um grande investimento.”

Sobre os benefícios que trouxeram ao hospital. “Tivemos um retorno muito grande, se não foi no sentido exato monetário, foi no sentido de primeiro, trazer essa tecnologia para cá, nós tivemos resultados muito bons. Com 223 operações, ou seja, desde o dia 18 de julho até hoje nós já fizemos 223. Nos cálculos iniciais nós estaríamos hoje ou até

junho completando 100 operações. Também, fizemos 123 a mais do previsto”, enfatizou.

Por sua vez, ainda falou da expectativa do serviço cirúrgico no estado.

“Nós tivemos no dia do lançamento a presença de várias pessoas, mas não existe uma colaboração direta. Porém, eu entendo que serve como uma vitrine e é uma coisa que deve ser compartilhada. Não só para outros hospitais, isso é óbvio, essa evolução não é para ficar só conosco, nós vamos ter sempre o prêmio de ter sido o primeiro e esperamos que um dia também isso chegue ao Sistema Único de Saúde (SUS).”

Com relação ao Conselho Regional de Medicina (CRM). “Até o momento, nós só tivemos elogio sem relação a isso, porque foi um grande investimento. É uma tecnologia que, sem dúvida nenhuma, traz grandes bens para a nossa população maior, que é o paciente. Então, todos os segmentos, seja o segmento universitário, seja o segmento público, seja o segmento regulador”, finalizou.

Segundo a Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 2311/2022, a cirurgia robótica deve ser realizada em um hospital capacitado para atender à alta complexidade e por, no mínimo, dois cirurgiões: um operando remotamente e outro ao lado do paciente, além do restante da equipe, como anestesistas e enfermeiros. O documento oficial também indica quais são as competências exigidas do cirurgião robótico, além de estabelecer critérios para formação do cirurgião neste tipo de procedimento, segurança, estrutura e vantagens ao paciente e para o médico.

Já a Secretaria de Estado de Saúde (SES-MT) informou que os procedimentos com o uso de equipamentos tecnológicos com robôs ainda não são contemplados pelos hospitais geridos pela pasta. ●

Mato-grossense de Tabaporã ganha Miss Brasil Infantil

O próximo passo de Paloma será representar Mato Grosso e o Brasil no Miss Universo, na Colômbia

Jean Gusmão

A pequena Paloma Fernandes, de 10 anos, natural do município de Tabaporã (619 km de Cuiabá), foi coroada Miss Brasil Infantil após vencer o concurso Pequena Miss Brasil 2024. O evento ocorreu no mês de março no parque temático Beto Carrero World, em Penha (SC). Cerca de 70 crianças de todo o país participaram, competindo em seis diferentes categorias.

A trajetória de Paloma começou em 2022, quando participou pela primeira vez do evento estadual de Miss Mato Grosso, representando Tabaporã, e venceu o concurso, tornando-se a Miss Mato-Grossense daquele ano. Com o resultado positivo, a família decidiu procurar a agência de Paulo Filho para consultoria e gestão da carreira de Paloma.

"A jornada de Paloma começou

quando vimos as inscrições para o evento estadual no final de 2022. Ela participou representando Tabaporã e venceu o concurso Pequena Miss Mato Grosso. Ainda éramos marinheiros de primeira viagem, então começamos a pesquisar sobre o segmento e encontramos Paulo Filho. Participamos de um workshop dele sobre eventos infantis e logo o contratamos para realizar uma consultoria para Paloma", conta Paula Oliveira, mãe de Paloma.

No ano seguinte, em 2023, ela competiu representando o estado no concurso Pequena Miss Brasil 2023, porém o resultado não foi o esperado, terminando em segundo lugar naquele ano. Mas a pequena e sua família não desanimaram e Paloma começou a se preparar para a próxima de 2024, quando acabou vencendo e se tornando a Miss Brasil Infantil.

Agora como Miss Brasil, Paloma lembra que o sonho de ser miss surgiu quando ela tinha 6 anos de idade, após ser presenteada por sua mãe com o título de miss de sua cidade.

"Desde os 6 anos, eu já gostava de desfilar, mas no meu aniversário de 9 anos, minha mãe me presenteou com o título de miss de Tabaporã, e surgiu o convite para o Miss Mato Grosso. Eu fui lá, disputei e ganhei o Miss Mato Grosso", lembra Paloma.

Paloma só pensa, agora, no Miss Universo, que acontecerá em 2025 na Colômbia. "A sensação foi maravilhosa, agradeço muito a Deus, era o meu sonho. Agora vamos para o Miss Universo no próximo ano, onde vou representar o Brasil e Mato Grosso na Colômbia", pontua Paloma.

O concurso Mini Miss Universo será realizado em junho de 2025 em Cartagena das Índias, Colômbia. ●



“A jornada de Paloma começou quando vimos as inscrições para o evento estadual no final de 2022. Ela participou representando Tabaporã e venceu o concurso Pequena Miss Mato Grosso”

Todos pelo Araguaia

Programa é a maior iniciativa de revitalização de bacias hidrográficas em execução no mundo

Nayara Takahara

O primeiro lote de ações do programa “Todos pelo Araguaia” - reconhecido como a maior iniciativa global em andamento para a revitalização de bacias hidrográficas - lançado em Barra do Garças, a 511 km de Cuiabá, irá restaurar 212 hectares em áreas de conserva-

ção e parques urbanos, Mato Grosso. Essa área corresponde à extensão de cerca de 300 campos de futebol.

O prefeito de Barra do Garças, Adilson Gonçalves, ressaltou a importância da recuperação da Bacia do Rio Araguaia, que percorre os estados de Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Pará, e enfi-

zou seu caráter nacional. Ele elogiou o engajamento da Secretaria de Meio Ambiente (Sema) e a colaboração com o setor privado para desenvolver um projeto dessa magnitude para o Cerrado.

“É a primeira vez na história do Estado de Mato Grosso que o produtor rural é tratado com respeito e é chamado



“É a primeira vez na história do Estado de Mato Grosso que o produtor rural é tratado com respeito e é chamado para participar das discussões do projeto. Tenho certeza que esse acolhimento fará com que, junto com o Governo de Mato Grosso, essa ação seja um sucesso”

para participar das discussões do projeto. Tenho certeza que esse acolhimento fará com que, junto com o Governo de Mato Grosso, essa ação seja um sucesso”, afirmou o chefe do Executivo municipal.

A iniciativa já conta com a adesão de 84 produtores rurais que, ao se integram ao programa, contribuem para a restauração de suas propriedades com custos reduzidos, sendo reconhecidos como defensores da sustentabilidade e conservação ambiental.

A recuperação da Bacia Hidrográfica do Rio Araguaia, que ocupa 36% do território de Mato Grosso e contribui significativamente para o PIB nacional, vai começar com 60 hectares, sendo 50

na Unidade de Conservação Parque Estadual da Serra Azul e 10 em um parque urbano, com apoio da empresa Rumo S/A.

Iniciado em 2019, o programa "Todos pelo Araguaia" nasceu do programa "Juntos Pelo Araguaia", lançado em conjunto com o Governo de Goiás, focado na revitalização da bacia hidrográfica do Rio Araguaia. A primeira etapa do programa atua em 16 municípios de Goiás e 12 de Mato Grosso, com projetos voltados para a recomposição florestal, conservação do solo e da água, além do enfrentamento às mudanças climáticas.

A secretária de Estado de Meio Ambiente, Mauren Lazzaretti, pontuou que o programa em Mato Grosso adquiriu novas características, alinhando-se a outras iniciativas ambientais do estado,

porém mantendo seu objetivo primordial de restaurar a bacia hidrográfica em ambos os estados, unindo conservação e desenvolvimento.

“O programa ganha novos contornos em Mato Grosso, considerando as especificidades de um Estado que compõe a Amazônia Legal e integra iniciativas como o Programa REM MT e PCI - Produzir, Conservar e Incluir. Entretanto, manterá a filosofia e o propósito de origem que é restaurar a Bacia Hidrográfica em ambos os estados. As ações continuarão se somando, levando solução para o campo, unindo conservação e desenvolvimento”, destacou Mauren.

Para mais informações sobre como participar ou investir no programa "Todos pelo Araguaia", acesse www.juntos-peloaraguaia.org.br. ●

World Travel Market

Afroturismo, etnoturismo e experiência pantaneira
são apresentados em feira mundial

Da Redação

Quatro roteiros turísticos em Mato Grosso, que abrangem os municípios de Alta Floresta, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio de Leverger, Barão de Melgaço e Campo Novo do Parecis, foram apresentados aos operadores de turismo do Brasil e do mundo na World Travel Market (WTM), a maior feira de turismo da América Latina, realizada em São Paulo.

Os roteiros englobam: Cidades Pantaneiras Tradições e Encantos das Águas do Pantanal (Santo Antônio e Barão), Rota Agroecológica Guadalupe e Fazenda Anacã (Alta Floresta), Roteiro Afroturismo Mata Cavalo (Livramento) e Etnoturismo (Campo Novo do Parecis).

“Mato Grosso é um estado diverso, com três biomas e o Sebrae tem estruturado produtos no Cerrado, Pantanal e Amazônia. Mais do que apresentar novos produtos, eles têm fomentado novas cadeias de pequenos e médios negócios.”, afirmou o secretário adjunto de Turismo da Sedec, Felipe Wellaton.

A partir do desenvolvimento de novos produtos turísticos, a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (Sedec) faz a promoção dos destinos e viabiliza meio para que os empresários do setor possam fechar parcerias com operadoras nacionais e internacio-

nais, que resultam na atração de mais turistas no Estado. Neste ano, a Sedec investiu no estande de 60 metros quadrados, proporcionando um ambiente maior do que em 2023 para divulgação do Estado e dos destinos.

A gestora estadual de turismo do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Mato Grosso (Sebrae/MT), Marisbeth Gonçalves, destacou que a apresentação dos novos roteiros em Mato Grosso na WTM foi uma ação estratégica, pois é uma das mais importantes vitrines para negócios.

“É o momento dos nossos empresários fazerem negócios e manterem relacionamento com operadores de outros estados”, disse.

Proprietária da Pousada Rio Mutum, no município de Barão de Melgaço, Alice Galvão, destaca que a presença dos operadores num espaço como o estande de Mato Grosso permite que eles alcancem novos mercados.

“O empresário não tem potencial financeiro para ter um espaço como esse, fazer viagens e sair divulgando. Além do Brasil, nós temos vários países

também aqui, presente”, pontuou.

Os operadores de turismo que abraçaram os novos produtos turísticos e começaram a comercializá-los falaram sobre a experiência de trabalhar o turismo sob o aspecto mais cultural, como os roteiros foram concebidos.

O afroturismo de Mata Cavalo é comercializado pelo empresário Waldir Teles, da Gale Tur Viagens. O pacote de 8 horas passa pelo Centro Histórico de Nossa Senhora do Livramento, Centro de Comercialização É de Livramento, Reino de Xango, Quintal da Josefina, Casa da Cultura Quilombola e a Escola Quilombola Tereza Conceição de Arruda.

A comunidade quilombola de Mata Cavalo é um dos grupos remanescentes de escravos em Mato Grosso que mais tem se esforçado na luta pela conservação de suas terras e tradições.

“Nós temos a história de luta, de vivência, de toda a resistência desse povo. Tem muitas histórias e conquistas pessoais muito fortes que nós não podemos deixar passar, deixar para trás. No roteiro, começamos pela cidade de Livramento, seguimos para os quilombolas, e de lá faremos uma imersão no quilombo, passaremos por um templo espiritual, almoçaremos com a Dona Josefina, com as suas guloseimas, com as suas sabedorias populares, ancestrais”, enfatizou. ●



Harpia, a majestade dos céus

Lições de força, sabedoria e poder

Ademir Galitzki

No reino das aves, a harpia, também conhecida como águia-real, é uma verdadeira representação de força e poder. Com mais de 70 espécies ao redor do mundo, ela se destaca como uma das aves de rapina mais impressionantes. Em média, uma harpia adulta mede um metro de altura e possui uma envergadura de asas de 2,5 metros, o que a torna uma presença imponente nos céus.

As fêmeas adultas chegam a pesar entre 6 e 9 kg, enquanto os machos ficam na faixa de 4 a 5 kg. Essas majestosas aves podem ser encontradas em uma vasta região que abrange desde a floresta do México, Bolívia e Argentina até o Brasil, onde são particularmente visíveis na Mata Atlântica, na Floresta Amazônica e também no Cerrado e Pantanal.

Recentemente, uma harpia foi avistada no Parque Sesc Serra Azul, em Rosário Oeste, Mato Grosso, a apenas 133 km da capital Cuiabá. Este avistamento foi testemunhado principalmente por peões e capatazes das fazendas da região, que compartilham seu território com essas impressionantes aves.

Hoje, estima-se que existam mais de 50 mil harpias no planeta, mas infelizmente, há muito tempo elas estão ameaçadas de extinção. A depredação, o desmatamento e as grandes queimadas têm contribuído para essa ameaça, muitas vezes impulsionadas por práticas inadequadas e a busca por troféus, cabeças e harpias empalhadas.

Somente em Mato Grosso, nos últimos 16 anos, foram desmatados cerca de 42 mil hectares, resultando na perda de 15 a 25 ninhos, e consequentemente, a morte de filhotes. A região é uma área de transição entre o Cerrado e vastas áreas de mata fechada com árvores gigantes, que são o habitat preferido das harpias para criar seus filhotes.

As harpias são uma das maiores aves de rapina, rivalizando em tamanho



Divulgação

apenas com algumas espécies, como a seriema e o avestruz. No entanto, ao contrário dessas aves, as harpias têm a incrível habilidade de voar, realizando mergulhos espetaculares em busca de presas.

Os ninhos das harpias são impressionantemente grandes, assemelhando-se a uma fogueira de São João, e são construídos no topo das árvores gigantes da floresta. Cada ninho contém gravetos consideráveis, e a fêmea é responsável por chocar e alimentar os filhotes durante 30 a 36 meses, após os filhotes seguem seus próprios caminhos, sem a ajuda dos pais.

Os ninhos das harpias revelam um tesouro de informações, pois podem conter até 102 kg de restos de pequenos animais, que servem de alimento nos primeiros anos dos filhotes. A área próxima aos ninhos é rica em nutrientes, incluindo nitrogênio, fósforo, potássio, magnésio e manganês.

As harpias são verdadeiras artistas

da natureza, majestosas e imponentes. Sua beleza é cativante, e suas habilidades de voo, caça e mergulho são verdadeiras proezas da natureza. Assista a vídeos dessas aves magníficas no Google e testemunhe sua agilidade e beleza em ação.

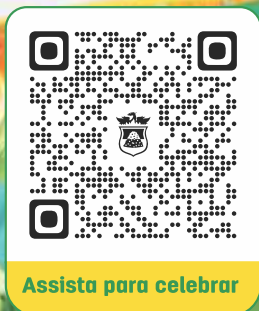
Na vida, somos confrontados com a escolha de ser como a galinha, que coloca seus ovos no chão e não enxerga além das laterais, ou ser como uma águia ou harpia, que voa alto, enxerga a presa a uma grande distância e constrói seus ninhos em lugares inatingíveis. A galinha se contenta em ciscar o chão, enquanto a águia se eleva acima de tudo, representando força, poder e proteção, assim como a divina águia da Bíblia que guarda seus filhotes com as asas.

Portanto, ao fazer suas escolhas na vida, lembre-se das lições de força, sabedoria e poder que as harpias nos ensinam e aspire a ser como elas, não se limitando a ser uma galinha, mas buscando sempre voar mais alto. ●

CUIDANDO PRA **AVANÇAR**

Nos últimos anos, o desenvolvimento e a inclusão social caminharam lado a lado, porque cuidar de cada cuiabano é nossa missão. É assim que Cuiabá não para de avançar: com ações que visam melhorar não apenas a cidade, mas a vida da gente.

- Duplicação da Av. Dante Martins de Oliveira
- Viadutos Murilo Domingos e Juca do Guaraná
- Construção da Av. Contorno Leste
- Mais de 150 novos ônibus climatizados





RDM
REDE DE MÍDIAS

28
anos

BRASÍLIA | RIO DE JANEIRO | SÃO PAULO | CUIABÁ



Grupo RDM (Rede de Mídias Brasil), há 28 anos ininterruptos, é o maior sucesso editorial do Centro-Oeste brasileiro. Neste ano de 2024, assumimos a posição de um grupo nacional de comunicação social, com escritórios editoriais no eixo Brasília-Rio-São Paulo, e daqui, para o mundo via internet. GRUPO RDM Brasil, orgulho de ser desta terra!

BRASÍLIA-DF

📍 SHS Quadra 06 - Bloco F - Sobre Loja, Complexo Brasil 21
☎ Tel.: (61) 2193.1409 - 98160-3377 - CEP 70.316-102
@ midia@revistardm.com.br

RIO DE JANEIRO-RJ

📍 Rua Visconde de Pirajá, 495 - Ipanema
☎ Tel.: (61) 98160-3377 - CEP 22.401-003
@ midia@revistardm.com.br

SÃO PAULO-SP

📍 Alameda Santos, 1817 CJ 112 - Cerqueira Cesar
☎ Tel.: (61) 98160-3377 - CEP 01.419-909
@ midia@revistardm.com.br

CUIABÁ-MT

📍 Rua Hermenegildo Correia Galvão, 147 - Bairro Santa Rosa
☎ Tel.: (65) 3623-1170 9682-1470 - CEP 78.040-240
@ midia@revistardm.com.br

www.rdmonline.com.br | www.rdmnews.com.br